



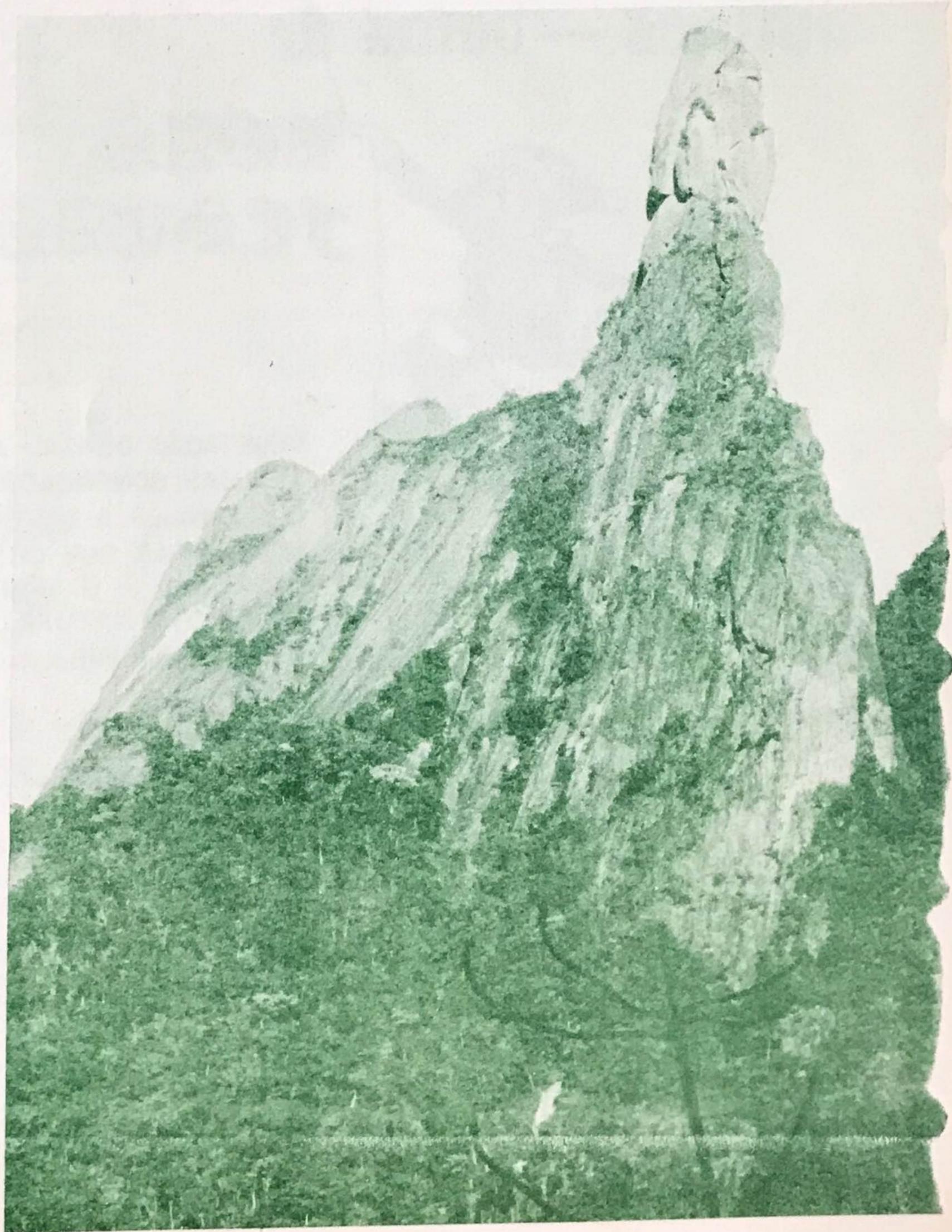
CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

AV. RIO BRANCO. 277-GR. 805
RIO DE JANEIRO - TEL. 252-9908

ANO 38

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ

445/DEZ 1977



DESTINATÁRIO



CONHECER O BRASIL

Centro Excursionista Rio de Janeiro

(MEMBRO FUNDADOR DA FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

(Fundado em 20 de janeiro de 1939)

SEDE PRÓPRIA:

AV. RIO BRANCO, 277-GR. 805
ZC-39 - CEP 20 000
RIO DE JANEIRO - RJ
BRASIL - TEL.: 252-99 08

EXPEDIENTE: 3º e 6º
FEIRA DESDE ÀS 19:00 h

RECONHECIDO DE UTILIDA-
DE PÚBLICA PELO DECRE-
TO LEI E/640 DE 17 DE
NOVEMBRO DE 1964 DA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DA GUANABARA.

DIRETORIA DO CERJ

PRESIDENTE

SÉRGIO DE SOUZA BAHIA

VICE-PRESIDENTE

CLAUDIO LEUZINGER

SECRETÁRIO

RENATO PAPPONE

1º TESOUREIRO

IVONE GERALDES DE ALMEIDA

2º TESOUREIRO

ELZA GUIMARÃES FRANÇA

DIR. PROPAGANDA

WALTER CHAVARRY VELLOSO

DIR. SOCIAL

VERA REGINA DIEGUEZ LEUZINGER

DIR. TÉCNICO

CARLOS BERNARDO

BOLETIM INFORMATIVO
OFICIAL DE PROPRIEDADE
DESTA ASSOCIAÇÃO

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ-Nº 445 - DEZ 77

Índice

PÁGINA DO EDITOR	2
EM TEMPO DE ELEIÇÕES	3
ANACARDIUM OCIDENTALIS	4
<u>TRANSAS DO DT</u>	
CORDAS E NÓS	5
CONQUISTAS DO CERJ	8
MAIS UMA CONQUISTA	9
ÁGUA DE MENOS	14
CROQUIS DO PAREDÃO ANTARES	15
RECADO AOS SÓCIOS	16
ASSEMBLÉIA GERAL	16
O HOMEM E SEU AMBIENTE	17
RÁPIDAS	20
CONHECER O BRASIL - ITAPARICA	21
CAMPIG	24
HISTÓRIA DO TELESCÓPIO	26
VIVENDO E APRENDENDO	28
TEM GENTE TRABALHANDO, ALÉM DE NÓS	29

capa:

DEDO DE DEUS

(Visto da Estrada)

Foto: RICARDO BEUTNER

PÁGINA DO EDITOR

Esta é a segunda e última publicação do boletim deste ano. Deveria ser o sexto ou quem sabe o 12º exemplar.

Não é muito fácil elaborar um boletim e mantê-lo. Ter de obter dados, artigos, fotografias, elaborar desenhos e principalmente verba, por isto o nosso boletim tem sofrido constantes atrasos. Que nos perdoem os leitores.

Queremos pedir desculpas aos nossos associados Wilson e Natanael pela não publicação da propaganda de suas firmas Importadora MaryBeth e Alpinat respectivamente no número anterior desta revista.

As despesas para confecção deste informativo é bastante alta e a receita do CERJ como de costume é baixa, necessitamos da ajuda de todos, precisamos de anunciantes. Se voce quer colocar sua propaganda ou se tem um amigo que também queira, procure-nos.

Esperamos que em 1978 seja melhor e, que pelo menos bimestralmente voces tenham em suas mãos o tão estimado boletim nestes mesmos moldes ou quem sabe, até melhor.

Walter Chavarry Velloso
Dir. Propaganda

MAIS UM CERJENSE

CARLOS EDUARDO PASCHOAL DE OLIVEIRA, nascido aos 20 dias de novembro de 1977, às 07:15 hs. Filho de Natanael e Rozani ambos sócios do CERJ.

Parabéns aos pais pelo bonito garotão.

EM TEMPO DE ELEIÇÕES

O final de ano se aproxima e, a gestão da atual Diretoria es
tá por findar.

Candidatam-se às eleições de Diretoria no próximo dia 09 de dezembro, para o biênio 1978/1979, duas chapas.

Ambas procuram o que de melhor possam oferecer ao CERJ, quer seja em suas atividades no campo, quer numa programação só
cio-cultural mais extensa e em tudo aquilo que se possa fa
zer em benefício do montanhismo e elevar cada vez mais o a-
mor pela natureza.

Em nossas reuniões de terças e sextas-feiras, não se fala em outra coisa senão nas eleições. São cartazes colocados nas paredes, os "cabos eleitorais" que por meio de um bate-papo com outro associado, pedem um voto de confiança, enfim, é uma verdadeira campanha eleitoral.

Têm-se observado que nestes dois últimos meses que a frequên-
cia em nossa sede social aumentou consideravelmente. E isto é bom, pois movimentam bastante as reuniões e os cantineiros; Virgílio e Alexandre não sabem o que é descanso.

A presença da turma ativa a programação de excursões; aproxima mais um do outro, associados novos conhecem sócios mais antigos e vice-versa.

À chapa eleita para os próximos dois anos, desejamos votos de boa administração e que tudo que pleitearam durante a campanha seja obtido. O caminho é árduo, porém compensador. O Montanhismo é mais que um esporte, é um super esporte.

A DIRETORIA

CAJU

(*Anacardium Occidentalis*)

Abel Magalhães



Se o brasileiro conhecesse o valor alimentício da imensa e variada quantidade de frutas da terra, certos estamos de que o nível de nutrição do povo poderia melhorar muito. As frutas originárias das florestas tropicais, são em tal quantidade, que mesmo aqueles que se dedicam ao estudo e avaliação do poder alimentício as desconhecem em sua grande maioria, tal a riqueza natural no Brasil.

Além de valor alimentício possuem valores medicinais conhecidos, muitos deles, servindo para tratamento de males sem conta.

Há pouco tempo, soubemos que uma médica, sabedora de que estava com câncer no pâncreas, isolou-se numa região do Amazonas, passando a viver exclusivamente dos elementos naturais da própria terra. Em pouco tempo sentiu-se melhor e após alguns anos voltou à cidade para reexaminar-se. Não foi surpresa a constatação de que estaria totalmente curada.

Entre as frutas bem conhecidas, principalmente em Aracaju-Sergipe, está o caju. Encontrado em abundância nas praias, onde nasce ao acaso, sem trato, espalha-se por todo o Norte.

O caju possui a maior fonte de vitamina C natural entre todas as frutas conhecidas no Brasil, possui mais do dobro de ácido ascórbico (Vitamina C) contido no próprio limão e na laranja.

Há caju amarelo, vermelho e o chamado manchado. O amarelo é o que mais vitamina C contém (220 mg); o vermelho — 212 mg. O caju não deve ser comido excessivamente maduro pois perde muito do conteúdo de vitamina C. Para se ter uma idéia, bastam 30 ou 40 gramas de caju por dia para fornecer toda a quantidade de vitamina C necessária ao homem adulto!

Fruta muito sensível ao calor, quando fervida perde mais da metade do teor de vitaminas. A sua famosa castanha só pode ser consumida depois de torrada. Salgada é muito saborosa. O caju cristalizado oferece quase todas as vantagens da fruta natural.

Afirma o Dr. F.C. Hoehne, Diretor do Instituto de Botânica: "o verdadeiro fruto do caju é a castanha que encima o pedúnculo inflado e suculento que se destina a promover a dispersão da planta, pelas aves e animais mamíferos, que apanham e devoram os cajus. As sementes são altamente nutritivas, estimulantes, porque encerram, além de 9,7 % de substâncias azotadas e 5,9% de amido, 47,13% de óleo amarelo finíssimo e doce, cuja densidade é de 0,916 e de natureza quase idêntica àquela do óleo de amêndoas doces. O óleo contido na casca é corrosivo; contém: cardol, ácido anacárdico e volatiliza-se porque tem a densidade de 1,004. Suas propriedades antissépticas, vermícidas e vesicantes tornam-no útil na terapêutica. Em contato com o fogo, inflama-se bruscamente. Preconizam-no contra a lepra e as moléstias cutâneas, tais como a eczema e psoríase. Sua maior virtude reside, todavia, na propriedade vesicante e corrosiva, que o torna antisséptico e cauterizante.

Uma vez que as feridas estejam perfeitamente livres de carnes esponjosas, pús e coágulos sanguíneos, aplicam-lhes o decocto das folhas do cajueiro quando novas, que, graças à sua propriedade levemente adstringente e promove a cicatrização.

O sumo das amêndoas frescas, aplicado sobre os calos e verrugas, promove a sua extirpação em poucos dias de tratamento continuado. Empregam-no ainda no combate às oftalmias de origem escrofulosa. Assim não é de duvidar que possa ter utilidade como inseticida, porque os antigos costumavam esfregar seus móveis para evitar o caruncho.

O caju combate a gripe, influenza, etc., servindo como o tratamento das afecções do peito.

No Sul é uma fruta cara, devido a ser rara. Sua composição química para 100 gramas é a seguinte: **Calorias** — pedúnculo comestível: 36,5; suco: 52,5; castanha torrada: 609. **Água** — pedúnculo comestível: 86 g; suco: 86g; castanha torrada: 5,30 g. **Hidratos de carbono** — pedúnculo comestível: 8,40 g; suco 10 g; castanha torrada: 26,40 g. **Proteínas** — pedúnculo comestível: 4,80 g; suco: 2,80 g; castanha torrada: 19,60 g. **Gorduras** — pedúnculo comestível: 0,30 g suco: ZERO; castanha torrada: 47,20 g. **Sais** — pedúnculo comestível: 1,20 g; castanha torrada: 1,50 g.

O caju em 100 gramas contém os seguintes sais: **Fósforo** — pedúnculo comestível: 500 mg; castanha torrada: 575 mg. **Cálcio** — pedúnculo comestível: 50 mg; castanha torrada: 165 mg. **Ferro** — pedúnculo comestível: 0,40 mg.

transas do D.T.

ESCALADA PARA INICIANTEs - V

J. F. W. SCHUSTER

CORDAS E NÓS

CORDA - nome técnico CABO

CLASSIFICAÇÃO QUANTO ÀS FIBRAS

Entre as diversas qualidades de cabo, podemos classificá-los segundo as fibras em 3 grupos:

Vegetais - Animais - Sintéticas

VEGETAIS - são aquelas fibras extraídas das plantas, mantendo-se inalteradas as suas substâncias.

ex.: sisal, cânhamo, algodão, tucum, etc..

ANIMAIS - são feitos com pelos de certos animais ou substâncias produzidas por eles.

ex.: crina, lã, seda

SINTÉTICAS - são fibras produzidas em laboratórios, são artificiais. As fibras sintéticas são as mais resistentes.

De acordo com a finalidade, podemos escolher cabos com ou sem elasticidade.

ex.: Nylon - muito elástica, aproximadamente 20%.

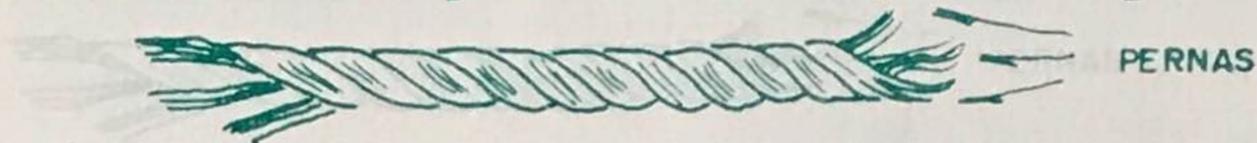
Dracon- é um cabo de fibras duras e resistentes, possui uma insignificante percentagem de elasticidade. O "dracon" é muito usado nas embarcações à vela, como escotas, etc..

Perlon- é um cabo mais macio, menos elástico do que o "nylon", é a que mais atende às necessidades do montanhismo.

TIPOS DE CABO

Os cabos podem ser torcidos ou trançados.

Os cabos torcidos podem ser de 3, 4 ou 5 pernas.



Os cabos trançados possuem um núcleo inteiriço, sendo apenas a capa envoltora trançada.



NÓS

São posições que submetemos a um cabo, visando uma utilização específica. Essa é a razão, porque aprendemos vários nós, cada um deles com sua função.

A constante necessidade humana faz com que se descubra novos nós, para novas finalidades, novas utilizações.

O nó correto e útil é fácil de se fazer e simples de se soltar.

Quanto a sua utilização podemos classificá-lo em:

1-amarrar 2-emendar 3-encurtar

NÓS PARA AMARRAR

lais de guia, azelha, fiel, balso pelo seio, nó de oito, nó de força ou falcassa, etc..

NÓS PARA EMENDAR

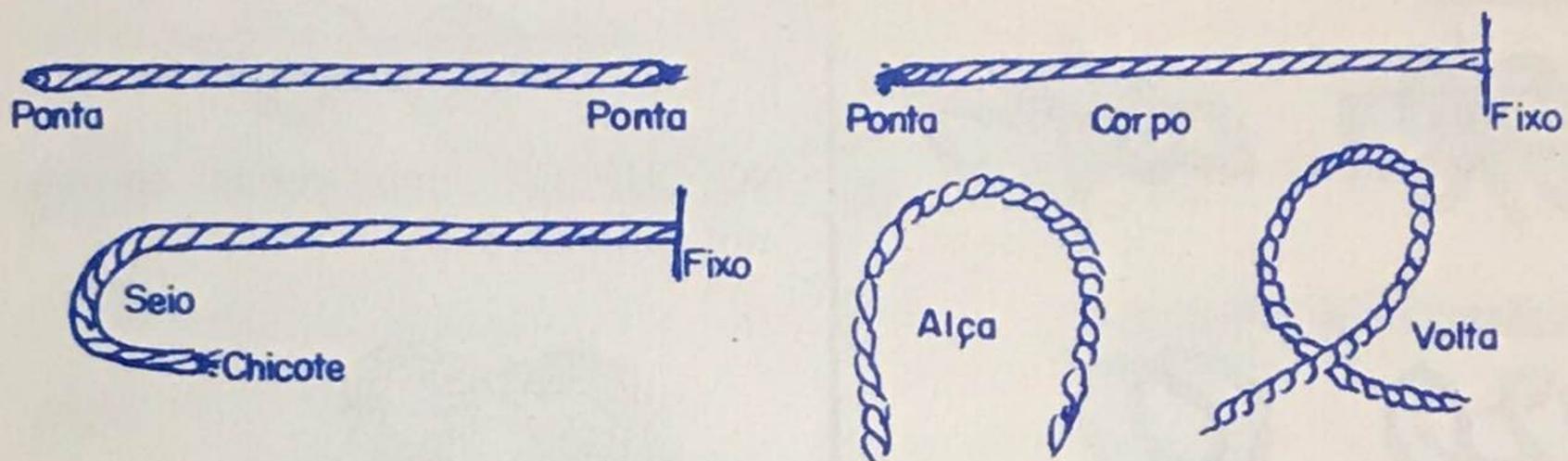
direito, escota, duplo, pescador, etc..

NÓS PARA ENCURTAR

catau (incluimos o nó de frade para efeito de facilitar a classificação).

CONFECÇÃO DOS NÓS E UTILIZAÇÕES

CABO SOLTEIRO



NÓS DE AMARRAR

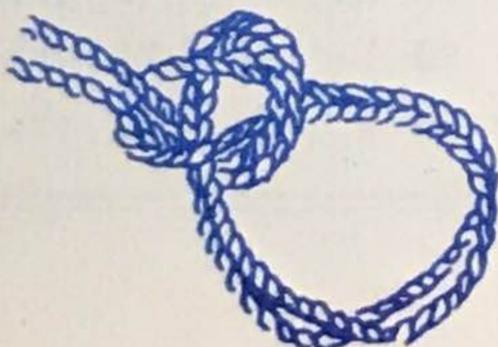
LAIS DE GUIA – segurança do guia, é um nó firme e não aperta.



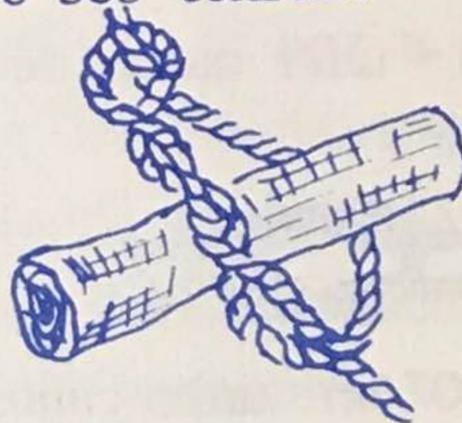
AZELHA – segurança do participante no meio da cordada.



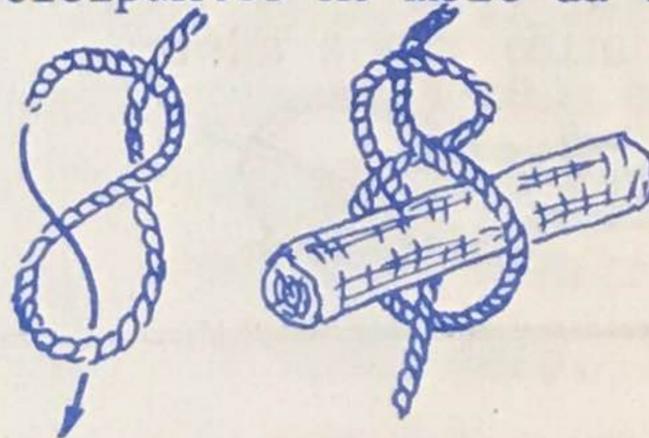
BALSO PELO SEIO – para descer um ferido em caso de acidente.



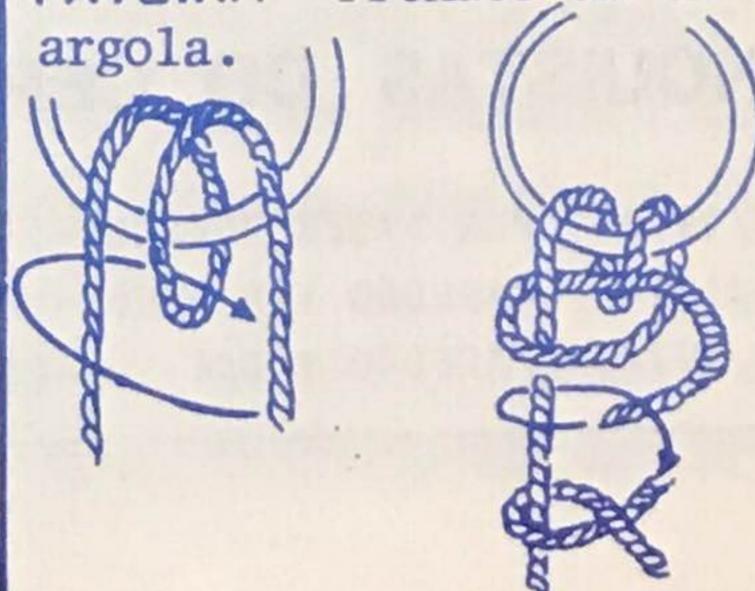
VOLTA DA RIBEIRA – puxar um feixe de lenha ou prender um cabo sob tensão.



NÓ DE OITO – segurança dos participantes no meio da cordada.

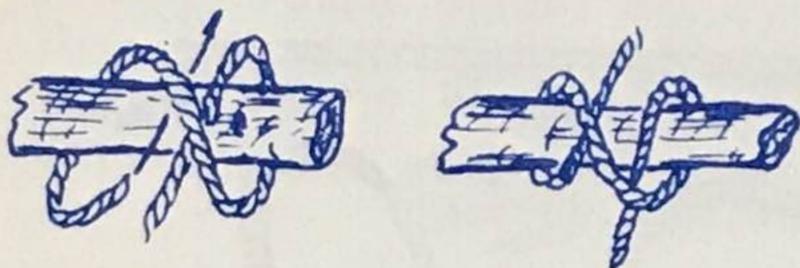


FATEIXA – Prender um cabo numa argola.

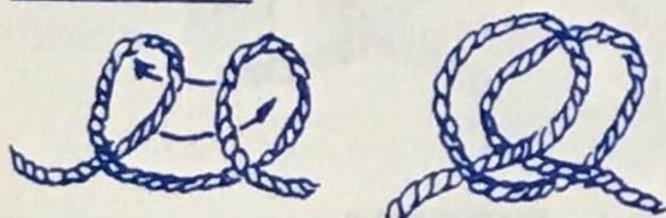


VOLTA DO FIEL - fixação do cabo em um ponto fixo.

1º PROCESSO:



2º PROCESSO:

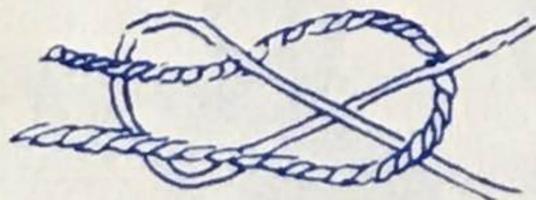


NÓS DE EMENDAR

NÓ DIREITO - unir cabos de mesmo diâmetro.



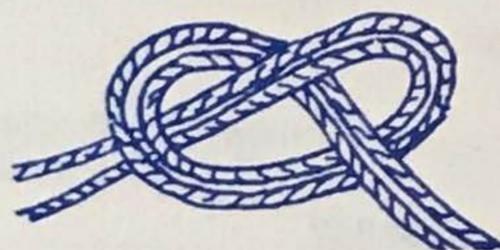
NÓ DE ESCOTA - unir cabos de diâmetros diferentes. É o nó usado na alça da Bandeira Nacional em união com a adriça.



NÓ DE PESCADOR - unir linhas ou cabos finos.

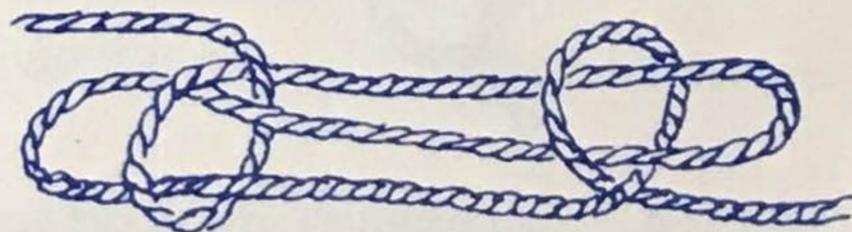
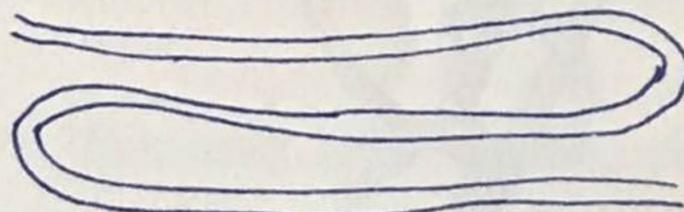


NÓ DUPLO - unir cabos de mesmo diâmetro.



NÓS DE ENCURTAR

CATAU - encurtar um cabo, fortalecendo uma parte poida.



CONQUISTAS DO CERJ

11/12/1960	= PAR. BADEN POWELL	-(I. Matcr do Leblon-RJ)	-	40 grau
01/12/1974	- PAREDÃO VERMELHO	-(Morro da Urca - RJ)	-	29 grau
31/12/1974	- PAREDÃO VERDE	-(Morro da Urca - RJ)	-	19 grau

MAIS UMA CONQUISTA

paredão ANTARES – Morro dos Cabritos

EXTENSÃO DA ESCALADA: 345 m – CLASSIFICAÇÃO: 3º Grau

CONQUISTADORES:

Giuseppe Pellegrini
Denise Emmer Dias Gomes

1º INVESTIDA: maio de 1977

É domingo. O dia está bonito, muito sol mas a temperatura está agradável. Olhamos para o morro dos Cabritos que se ergue no azul, analisamos as possibilidades de subida. Ainda não sabemos qual será a parede e vamos para a base de todas elas para melhor especular. E depois de muito analisarmos decidimos que será a parede manchada de branco. Encordamo-nos devidamente, Pellé começa a subir. Faz um lance de 10 a 13 metros aproximadamente e bate o primeiro grampo, sobe mais 10 m e bate o segundo, chega na base de um tetinho, batendo aí o terceiro. Vence o teto e anda para a direita, colocando o quarto. Agora subo eu, que já estava no 1º grampo, até junto dele. É mais razoável que por hoje paremos aqui, pois nos falta um grampo de 3/8" para colocar na base do próximo lance que parece mais delicado que os outros feitos. A tentação de prosseguir começa a crescer e antes que ela nos domine descemos direto até a base. Um ato racional.

Os grampos colocados foram todos de 5/16", porém, meses depois o quarto dessa investida seria substituída por um de 3/8".

2º INVESTIDA - 29 de Outubro de 1977

São 8 horas e trinta minutos, estamos na base da parede nos preparando para a segunda investida e dessa vez as esperanças são maiores devido aos grampos de 3/8" e a melhor forma. No entanto o tempo não está muito bom, mas sim nublado, pode chover a qualquer momento. Sabemos que se trata de uma escalada grande, não temos a pretensão de chegar no cume, mas sim de dar um adiantamento razoável na conquista.

Começamos a subir, fazemos a parte já conquistada e no final desta, Pellé bate um grampo de 3/8". Feito isto parte para mais um lance, o primeiro do dia, que é relativamente delicado. Eu estou lhe dando a segurança e atenta a todos os seus mínimos movimentos. Enfim chega num lugarzinho mais ou menos razoável. Bate um grampo de 5/16 a 7 metros de minha cabeça. É o "lance do sai de baixo". Ele segue. Mais uns metros bate outro grampo igual aquele. Depois tende para a esquerda (não muito) e bate um de 3/8". Vou ao seu encontro neste grampo. A chuva começa a cair suavemente, aos poucos, mas decidida a continuar durante o dia todo. Mesmo assim tentamos mais um trecho, e Pellé sobe 10 metros batendo um grampo de 5/16". E mais 10 metros batendo outro grampo igual, até subir mais 10 m também dessa vez colocando um de 3/8".

A chuva piorou bastante e não temos mais grampos de 3/8". Só nos resta descer e continuar num outro dia. Aonde chegamos hoje, o que se segue parece ser tranquilo pois tem boas agarras com uma inclinação não muito forte. Descemos em três "rappeis", e estamos muito contentes e cheios de esperança. Achamos até que atingimos a metade e que mais uma investida atingimos nosso objetivo, o cume. No entanto, qual não foi a

nossa decepção ao, da rua, olharmos para a parede. Jamais estávamos na metade que se mostrava ainda bem longe. Nessa investida fizemos 60 metros contando com a primeira resulta em 95 metros. Para ser mais modesta e realista, "apenas" 95 metros diante do que se apresentava.

3º INVESTIDA - 30 de outubro de 1977

O tempo mudou radicalmente de ontem para hoje. Íamos escalar com o Vavá que desmarcou devido à chuva, mas acontece que amanheceu um dia lindo e cheio de sol (e que sol), está muito quente e já são 10 horas da manhã.

Bem, escalamos os 95 metros já conquistados, logo percebo que não estamos no nosso dia de escalar. Eu sinto dor de cabeça e um a indisposição para qualquer atividade, e o calor ainda vem piorar essa minha má condição. Mas tento esquecer esse meu estado e ligo-me no que está acontecendo. Pellé estuda os lances, faz o primeiro do dia e bate um grampo de 5/16" a 10 metros de onde me encontro. Prossegue subindo mais 10 metros e da mesma forma bate outro de 5/16". E também mais 10 metros ele escala batendo aí um de 3/8". Vou ao seu encontro. Trocamos alguns comentários a respeito dos lances e do grau que pegará essa escalada, mas ainda é muito cedo para qualquer conclusão. E ele continua, 10 metros acima com um grampo de 5/16". Depois tende um pouco para à esquerda chegando num ótimo platô, uma espécie de canaleta a 20 metros do último grampo colocado, nesse lugar bate um de 3/8". Enquanto isso, eu estou no meu posto de segurança atenta aos seus movimentos, mas agora ele está num bom platô confortavelmente instalado. E eu aproveito a deixa para apreciar a vista lá embaixo e nas redondezas. Vejo um engarrafamento na avenida Epitáfio

cio Pessoa, vejo o pessoal do posto de gasolina que de vez em quando pára afim de nos olhar, e eles gesticulam com os braços, devem estar dizendo: - "esse casal é doido" - sei lá. Mas decididamente hoje eu não estou bem, a cabeça persiste em doer, o calor está pior e meu estado psicológico não é dos melhores. Subo 30 metros até o próximo 3/8", e lá chegando tenho uma espécie de visão do cume (há um mato logo em cima) e afirmo com certeza ser lá o nosso objetivo. Mas ele me convence que não é e que ainda falta à beça, muito, muito mesmo! Eu estou desanimada, o calor está forte é melhor que desçamos. Ainda não foi dessa vez. Paciência....

4º INVESTIDA: - 02 de novembro de 1977

São 8:30 horas, estamos na base.

Não quero mais pensar no cume! Dessa vez vou me ligar apenas, adiantar esta escalada que parece não ter fim. Acho até que não vai dar para chegar lá em cima hoje. Não me importo com esse pensamento, quero apenas adiantar a conquista. Mas o dia está ótimo para esse tipo de coisa, para quem pretende passar horas desse feriado pendurado numa parede da Lagoa. Embora quente, está nublado e sem sol, espero que continue assim por muito tempo. Hoje estou melhor que da última vez, pelo menos engano a mim mesma que não faço muita questão de hoje atingir o cume. Pellé está ótimo, com um brilho estranho no olhar. Tudo bem.

A parte já conquistada, ou seja, os 155 metros escalamos com rapidez, propositadamente. Chegamos na canaleta. Já tínhamos visto lá de baixo que o meu ... "cume" (aquele que pensei ver) não é nem a metade da escalada! Armo a segurança para Pellé que sobe uma lombada, uma diagonal a esquerda, prossegue

na reta e bate um grampo à 15 metros de mim, (de 3/8"). Vou até esse grampo, e ele escala mais 15 m na reta levemente para a direita, e bate outro grampo de 3/8". Escalo até lá.

O próximo grampo é uma chapinha a 10 metros de mim. Ele está numa péssima posição, eu estou atenta e de pescoço duro. Mais 10 metros colocando uma chapinha no final e mais 10 metros com um grampo de 3/8". Para que ele batesse este, fiquei em pé sobre o grampo no limite da corda. Sigo até este lance. Lembro-me do costão do Pão-de-Açúcar, o que me causa uma certa nostalgia, no desejo de ver a inclinação da pedra abrandar e sairmos correndo em direção ao topo. Ele prossegue, dessa vez faz um lance de 30 metros e bate um grampo de 3/8". O tempo está fechado, acho que vem chuva por aí.

Não estou muito animada, mas hoje me conformo com a minha condição, olho para posto de gasolina que é bem pequenino, penso numa Coca-Cola gelada. Tenho vontade de descer e ir tomar umas cinco Coca-Colas. Mas está na hora de subir, ele me espera e fala com ânimo que de onde está pode ver o "tetinho" (este se encontra no final da escalada). De súbito eu me encho de ânimo e euforia. Vou até lá para ver esse fresco, essa Coca-Cola! E realmente dá para ver o tetinho. Mas ainda falta muita pedra para chegar lá, uns 80 metros.

Pellé escala 20 metros e bate um de 3/8". Depois mais 20 colocando uma chapinha de 5/16", e depois mais 10 m batendo um de 3/8". Não falta muito e o sol resolveu aparecer e esquentar. De repente rola uma pedra e bate no meu braço direito, não muito grande, mas suficiente para fazer doer e inchar. Precisamos escalar de capacete, pois tive sorte de não ter caído na cabeça.

Faltam 30 metros para chegar ao tetinho, e na metade des

te percurso ele coloca uma chapinha, segue, contorna o tetinho pela esquerda, e sobre esse coloca mais um grampo de 5/16". Acabaram-se os de 3/8". Vou ao seu encontro, Estamos contentes, com pressa em chegar. Estou prestes a realizar um velho sonho. Ele já está lá em cima batendo o último grampo (5/16") eu espero ansiosa num platô de mato que há sobre o tetinho. A demora faz aumentar mais a minha expectativa, e enfim ouço o seu chamado que distorce com o vento, "pode vir!" Eu vou, mal escalo, corro pela pedra. Também é um lance bem fácil. Enfim são 13:30 horas, chego ao cume, e um grande abraço cheio de sorrisos e exclamações me recebe. O cume é bonito, é uma montanha tropical cheia de vegetação e floresta. Estou muito cansada. Descemos fazendo 11 descidas (rappel) de trinta metros cada uma. Sinto-me feliz.

Denise

ECOLOGIA É UMA PALAVRA, MAS O RACIOCÍNIO ECOLÓGICO NÃO FOI CRIADO PELOS HOMENS DE HOJE!

ÁGUA DE MENOS

O "rio da integração nacional" está morrendo. O alerta surgiu quando se constatou que o ciclo hidrológico do Rio São Francisco em 1976, foi o mais seco dos últimos 47 anos.

Mais a seca, apontada sempre como culpada pelos altos e baixos do São Francisco, o constante desmatamento das regiões próximas às suas margens ameaça o rio.

CROQUIS DO PAREDÃO ANTARES



CONQUISTADORES:
GIUSEPPE PELLEGRINI
DENISE EMMER DIAS GOMES

DATA DA CONQUISTA:
02-11-77

SITUAÇÃO:
MORRO DOS CABRITOS

EXTENSAO DA ESCALADA:
345 m

CLASSIFICAÇÃO:
3º GRAU

LEGENDA

- VIA
- ⊙ - GRAMPO 3/8" (11)
- X - GRAMPO 5/16" (12)
- - CHAPINHA (4)



RECADO AOS SÓCIOS

O TESOUREIRO não é COBRADOR. Ele é, em verdade, um guardião dos nossos recursos financeiros. O Sócio é quem tem a obrigação de pagar sua mensalidades, espontaneamente.

O pagamento de sua mensalidade deve ser feita na sede impreterivelmente até o dia 5 de cada mês.

Voce não fará favor algum se assim proceder,mas de qual quer forma, receba nosso MUITO OBRIGADO.

E, tome muito cuidado, o CERJ não possui cobradores domiciliares e, pessoas que se dizem como tal, vestidas a caracter (de touquinha e meiões) andam fazendo estas coletas.

PAGUE SOMENTE NA CAIXA DA TESOURARIA DO CERJ, AS SUAS MENSALIDADES E EXIJA O SEU RECIBO AUTENTICADO.



PROTEJA AS MATAS CONTRA INCÊNDIOS!
ENSINE O AMOR PELA NATUREZA



ASSEMBLÉIA GERAL

Publicado o Edital de Convocação no Diário Oficial Nº 659 do Estado do Rio de Janeiro de 21 de outubro de 1977, tivemos a realização da Assembléia Geral Ordinária no dia 11 de novembro, com a finalidade de eleger o Conselho Deliberativo para o biênio 1977/1979.

Aberto os trabalhos pelo Pres. da Diretoria, sr. Sérgio de Souza Bahia e, tendo como presidente e secretário da Assembléia os srs. Justo Hélio Monteiro e Virgílio Augusto de Carvalho respectivamente.

O HOMEM E SEU AMBIENTE

DIZ-SE que as conquistas tecnológicas provocaram o divórcio entre o homem e a natureza, e que estão pouco a pouco minando uma civilização que despreza as próprias bases a partir das quais poderia desenvolver-se.

As manifestações negativas mais evidentes e mais freqüentes da transformação das relações entre o homem e seu meio são: o desconhecimento dos sistemas e dos mecanismos naturais que permitem a manutenção da vida na Terra; a negligência para com os efeitos involuntários da tecnologia, em particular as várias formas de poluição; a má exploração dos solos, das florestas e das águas; o consumo desenfreado de combustíveis fósseis; a urbanização descontrolada; a marginalização da população rural; a destruição dos sistemas de apoio à vida e o esmagamento das culturas tradicionais.

Além disso, é preciso notar que esta "crise do ambiente" manifesta-se no exato momento em que se propõe a instauração de uma nova ordem econômica mundial e em que se questionam as formas clássicas de desenvolvimento e as modalidades de assistência técnica aos países que dela necessitam. Fala-se, por exemplo, em "crise de civilização", que se tenta resolver através de esforços para melhorar a "qualidade da vida".

No passado, as atividades da Unesco relativas ao ambiente e aos recursos naturais concentraram-se principalmente nas pesquisas científicas e na formação de especialistas. Como resultado, a colaboração internacional, sempre necessária ao avanço dos conhecimentos, passa a ser uma necessidade absoluta a partir do momento em que são abordadas disciplinas de caráter geográfico, já que a natureza não conhece as fronteiras entre os países.

Não é por acaso que os grandes programas de cooperação científica intergovernamental, que contam com a ajuda da Unesco, se desenvolveram essencialmente em torno de disciplinas como a geologia, a ecologia, a hidrologia e a oceanografia.

Geologia e geofísica. A Unesco vem dando apoio, moral e financeiro, a dois grandes programas internacionais de pesquisa: ao Projeto das Camadas Geológicas Superiores (1963-1971) e ao Projeto de Geodinâmica (1973-1979), lançados pelo Conselho Internacional de Uniões Científicas. Estes projetos produziram resultados científicos que permitiram traçar, pela primeira vez, um quadro global da evolução contínua da crosta terrestre.

A ecologia e os três reinos da natureza. A fina camada de terra, água e ar que envolve nosso planeta, na qual toda a vida está confinada e onde o homem evoluiu, compreende um certo número de ecossistemas ou unidades complexas e auto-suficientes, nas quais se mantém um certo equilíbrio graças às interações das comunidades animais, vegetais e de outros organismos com os elementos químicos e físicos de seu *habitat*.

No início, quando o homem recolhia frutos silvestres e caçava ocasionalmente, não exercia maior influência sobre estes ecossistemas, dos quais fazia parte como as demais espécies de mamíferos. Mas, no momento em que dominou o fogo, inventou as ferramentas e a agricultura, começou a modificar o meio "natural" e a influir em seu equilíbrio original. Graças a esses progressos tecnológicos, o homem pôde modificar o ambiente em que vivia, tomando-o, de modo geral, mais favorável a si mesmo. Para conseguir os altos níveis de produtividade da agricultura moderna, sem os quais a população humana não se poderia manter no nível atual, o homem teve de alterar os ecossistemas, tomando-os cada vez mais "artificiais".

O problema está, pois, em determinar até que ponto o homem pode manipular o ambiente. A simplificação progressiva dos ecossistemas agrícolas cria um risco de

rutura, já que um ecossistema simplificado está, geralmente, menos capacitado para reagir à invasão de pragas e doenças, ou para adaptar-se a acontecimentos imprevistos.

Recursos limitados e distribuídos de forma desigual. A superfície terrestre, que é o *habitat* ecológico do homem, equivale aproximadamente à quarta parte (cerca de 13 bilhões de hectares) da superfície total do globo. Porém, somente 1 hectare em cada 10 dessa superfície é cultivável e está cultivado. Com grande aplicação de capital e mão-de-obra, só se poderia cultivar mais um desses 10 hectares, atualmente cobertos de pastagens e florestas. Em outras palavras, estamos aproveitando as terras mais produtivas e de exploração mais fácil. Entretanto, o mais importante é que parte dessa terra utilizada começa a apresentar sinais de empobrecimento. Calcula-se que a cada ano perde-se cerca de 5 milhões de hectares, devido, principalmente, à expansão das zonas edificadas e a fenômenos naturais, como a erosão e a salinização.

O aumento indispensável e urgente da produção biológica útil deve, portanto, ser obtido através da exploração mais racional dos recursos terrestres disponíveis. Isso exige a aquisição de conhecimentos básicos sobre a estrutura, o funcionamento e a produtividade dos ecossistemas, além de métodos seguros para manter sua utilização.

O equilíbrio entre população, ambiente e recursos naturais é o problema que requer maior quantidade de informação de todas as regiões do mundo.

Necessidade de cooperação internacional. Embora assumam formas específicas conforme a zona geográfica do mundo, os problemas do ambiente e da utilização dos recursos devem ser encarados de forma global ou regional, já que amiúde vários países deparam-se com o mesmo tipo de problema. Os conhecimentos adquiridos por determinado país para conter a expansão das áreas de-

sérticas, por exemplo, são muito importantes para o futuro ecológico, econômico e social deste país, mas também são evidentemente do interesse de outros países que se encontram na mesma situação e têm de enfrentar dificuldades idênticas.

A urgência do problema de estabelecer bases sólidas para a conservação e o aproveitamento racional dos recursos da biosfera e para a melhoria das relações entre o homem e seu meio, levou a Unesco a lançar o Programa O Homem e a Biosfera (MAB). Este programa oferece, a nível intergovernamental, uma base interdisciplinar sólida para melhorar o conhecimento dos recursos biológicos terrestres e as relações entre as atividades humanas e os ecossistemas da Terra. O programa, do qual participam ativamente tanto os países em desenvolvimento como os já desenvolvidos, entrou agora na fase operacional e está sendo executado em estreita colaboração com outras instituições das Nações Unidas.

A complexidade desses problemas exige uma abordagem interdisciplinar integrada. Os especialistas em ciências naturais só podem fornecer respostas parciais e inadequadas, que devem cada vez mais ser integradas a toda uma série de condições, necessidades e fenômenos sociais. Mas é preciso que especialistas em ciências naturais e especialistas em ciências sociais participem na mesma medida do planejamento e da execução dos projetos de pesquisa. Em um estudo atualmente em curso acerca das relações entre população, ambiente e recursos em pequenas ilhas do Pacífico, a equipe de pesquisadores é integrada por ecólogos, pedólogos, nutricionistas e especialistas em geografia humana, biogeografia e biologia marinha.

A água. O desenvolvimento das sociedades humanas, e das cidades em que floresceram, sempre foi condicionado à disponibilidade dos recursos hídricos indispensáveis à sua existência. O mundo moderno, a despeito de todas as suas transformações tecnológicas, não modificou esta lei imutável.

Pelo contrário, o problema da água assume em nossos dias nova dimensão, de-

vindo não só ao crescimento demográfico, mas, ainda mais, à rápida progressão das necessidades da agricultura e da indústria e ao fenômeno da urbanização. A solução deste problema tornou-se um pré-requisito para o desenvolvimento econômico e social, e exige o estabelecimento de estruturas especiais nas administrações nacionais.

Um número cada vez maior de países está enfrentado uma crise, tanto em relação à quantidade quanto à qualidade de recursos hídricos.

A quantidade total de água utilizada no mundo em 1975 foi de cerca de 3 000 km³, o que representa mais ou menos 7 por cento do volume médio d'água dos rios.

Até o ano 2 000 o consumo será duplicado, chegando a 6 000 km³, o que corresponde aproximadamente à quarta parte do lago Baikal, ou à décima parte das reservas subterrâneas do Saara. Estes números não parecem alarmantes. Porém, a duplicação da quantidade de água que está a disposição dos usuários representa, para o mundo, enorme investimento. Este investimento será muito maior que o já efetuado para o consumo atual, devido ao rendimento decrescente das obras necessárias.

Qualidade da água. A prática antiquíssima de utilizar rios e riachos como esgotos não só persiste até hoje como atingiu tais proporções que faz pensar em conseqüências alarmantes. Submetida sucessivamente a usos domésticos, industriais e agrícolas, todos eles mais ou menos poluentes, a mesma água deve levar ao mar os resíduos orgânicos e inorgânicos inevitáveis nas grandes aglomerações urbanas e principalmente aos complexos industriais. Estes resíduos vão parar nos rios e lagos, que já não têm capacidade de destruí-los através de processos de autodepuração, e chegam, inclusive, às águas subterrâneas. A deterioração da água causada por este processo reduz as possibilidades de utilização futura desses recursos, ao mesmo tempo que cria riscos enormes para a saúde pública e atenta contra a fauna, a flora e o meio natural.

A solução dos problemas da água implica a adoção de medidas tecnológicas,

administrativas e econômicas, estreitamente relacionadas com o desenvolvimento de todo um país ou de toda uma região. No entanto, o programa previsto pela Unesco destina-se a fornecer os elementos científicos indispensáveis à orientação destas medidas e à sua eficácia.

O oceano. Cabe à Unesco ajudar seus Estados-Membros a adquirir os conhecimentos científicos básicos de que necessitam para explorar os recursos marinhos de modo racional e equilibrado, a fim de que esta exploração contribua para a sobrevivência da humanidade e para a melhoria da qualidade da vida. Cabe-lhe também ajudar os Estados-Membros a criar a infra-estrutura necessária à aquisição desses conhecimentos e a utilizá-los na administração das atividades humanas no meio marinho.

Urbanismo e qualidade da vida. O meio construído, ou seja, as vilas e cidades, estão passando por transformações tão brutais que, em muitos países, os poderes públicos reconhecem-se incapazes de conter sua evolução. A esta inquietude soma-se a certeza de que ao final deste século a população mundial terá duplicado, assim como os progressos da industrialização e a tendência quase universal à urbanização.

Sob todos os aspectos, o aumento da população urbana acarreta uma modificação radical na própria estrutura das cidades: as funções tradicionais (comunicação, comércio, política, lazer) ficam isoladas em bairros diferentes; os centros históricos desaparecem; as redes de transportes rápidos cortam o traçado urbano. A incapacidade de lidar simultaneamente com a utilização dos solos, a criação de empregos e a melhoria das redes de comunicação leva à crescente deterioração das condições de vida nas zonas urbanas. Assim, a cidade — que antes era o centro civilizador por excelência — hoje é denunciada como lugar de poluição, tempo perdido, segregação, agressões psicológicas, solidão, além de insegurança.

O ambiente também está sendo radicalmente alterado pela indústria do turis-

mo, que, em certos países, domina o setor de construções públicas e particulares e destrói o equilíbrio natural com instalações maciças, sem levar em conta os sítios e as tradições da população local.

Todos esses problemas são, ao mesmo tempo, ecológicos, sociais, éticos e culturais. Assim, um planejamento do meio físico baseado em cálculos puramente econômicos não tem condições de resolvê-los. Portanto, este pseudoplanejamento apregoado como panacéia é que determina a criação e a administração dos aglomerados humanos. É notório que esse tipo de planejamento e o liberalismo anárquico são responsáveis pela destruição do patrimônio arquitetônico, sacrificado em benefício de empresas privadas ou estatais; pela morte lenta dos centros rurais e de suas culturas; pelo acúmulo de habitações populares nos subúrbios distantes; pelas concentrações administrativas e industriais e pelas tristes migrações que acarretam; e, por fim, pela uniformização das áreas residenciais, onde reina o automóvel e cujos habitantes perdem a identidade cultural e o sentimento de pertencer a uma comunidade.

O verdadeiro planejamento, que se preocupa com a qualidade da vida, deverá considerar os núcleos habitacionais humanos como sistemas extremamente complexos que só podem ser tratados cientificamente através de múltiplas e pa-

cientes pesquisas. Só a síntese dessas pesquisas pode levar em conta a totalidade das interações ecológicas, econômicas, sociais, antropológicas e psicológicas. Assim, esse planejamento será cada vez menos absoluto e menos autoritário.

Estão sendo criados métodos para medir a qualidade do ambiente e realizados estudos acerca dos efeitos sociais e culturais do turismo. Também estão sendo preparados exercícios de programação para os responsáveis pelo ambiente. Outros estudos contribuem para o conhecimento da arquitetura tradicional e dos problemas de sua adaptação às necessidades da vida de hoje.

A Unesco está colaborando com vários Estados-Membros para a preservação e revalorização de locais, monumentos, bairros e cidades de caráter histórico. A experiência demonstra que as ações puramente técnicas empreendidas para melhorar o ambiente, só têm êxito quando levam em conta as relações que os homens (responsáveis políticos, administradores, habitantes e usuários) mantêm entre si e com este ambiente.

Do Plano a Médio Prazo da Unesco (1977-1982), Cap. VII, O homem e seu ambiente.

O Correio da Unesco
maio 1977

Rápidas...

O "Homem de Burgos"

Em meados de 1976, antropólogos da Universidade de Madri fizeram uma das mais importantes descobertas paleontológicas dos últimos anos. Num caverna situada a cerca de 15 quilômetros da cidade espanhola de Burgos, escavaram restos fósseis (inclusive uma mandíbula inteira) de 200 000 a 250 000 anos de idade. Acredita-se que sejam vestígios dos últimos pitecantropos ou dos primeiros homens de Neandertal. O "Homem de Burgos" e o "Homem de Montmaurin" (França) são os mais antigos remanescentes fósseis humanos já descobertos na Europa.

■ A descoberta, nas margens do rio Bes-Arik, (Cazaquistão Soviético) de 1 000 sepulturas antigas, contribuiu para que os arqueólogos soviéticos estabelecessem ligações entre uma cultura nômade primitiva baseada na caça e uma cultura posterior de base agrícola. Entre os achados contem-se instrumentos de pedra e pinturas rupestres com cenas de caçada.

A FLORESTA É A CIDADE DOS
BICHOS — PROTEJA - A

Conhecer o Brasil

ITAPARICA

Mansamente, o navio vai deixando Salvador. Mar azul, Sol forte, brisa e respingos de água salgada, enquanto a terra do Senhor do Bonfim vai se distanciando. Passa o quebra-mar, mais adiante o Forte São Marcelo e a viagem prossegue tranquila, vez por outra agitada pelo movimento de pequenos barcos, que se chegam ao navio para o embarque e desembarque de passageiros, em povoados da ilha.

Já bem mais próximo a Itaparica, pode-se avistar o Forte São Lourenço e a história itaparicana, os versos de Castro Alves nos fazem lembrar:

"Estais vendo esta peça
imóvel, calada e fria?
É o símbolo do amor cívico
que esmagou a tirania."

Ali à nossa frente - Itaparica. Várias são as versões sobre seu nome, prevalecendo a que conta que os portugueses, quando chegaram em Salvador, ao contemplarem a ilha fronteira, recordaram-se de Taparica de Portugal, vindo daí o seu nome: Taparica que significa recordação, saudade.

Para quem vai à ilha de automóvel, o "ferry-boat" sai de Água de Meninos chegando em Bom Despacho, local diverso daquele onde aporta o navio de passageiros. Dali até a cidade de Itaparica vai-se por estrada asfaltada, conhecendo-se, assim, um pouco o lugar.

Imensos coqueirais, dendezeiros, praias mansas e mornas ornamentam essa ilha de grande beleza. Entre elas encontramos a de Amoreira (onde estava o Quartel General das tropas brasileiras, quando das lutas da independência) e a da Ponta da Areia. Vale a

pena um mergulho em suas águas. Aproveite. Doure-se ao Sol. Esqueça a tensão. Relaxe. Converse com a garotada que por ali ficam vendendo esteiras e chapéus de ouricuri.

E, na saída do navio de passageiros, assista a um belo espetáculo de saltos ornamentais feitos por garotos e rapazes que pulam do navio ao mar, enquanto ele se afasta do atracador.

ITAPARICA VIA NAZARÉ

Vindo pela BR-101, quem quiser ir a Itaparica deve entrar em Santo Antônio de Jesus, dali seguindo para Nazaré, atingindo depois a ilha de São Gonçalo, que está ligada ao continente por aterro. A travessia de São Gonçalo para Itaparica é feita pela ponte do Funil, com 665 metros de extensão, dali se alcançando a cidade de Itaparica por rodovia asfaltada.

Lá existem bons hotéis e pensões com preços variados e, por isso, acessíveis ao bolso. As reservas podem ser feitas em Salvador, ou Itaparica, mas sempre com antecedência mínima de 15 dias, principalmente nos meses de verão, quando aflui à ilha grande parte da população de Salvador e cidades vizinhas.

Embora a tranquilidade de suas paragens por si só ajam como um convite para permanecer ali, Itaparica dispõe de atrativos como a fonte hidromineral radioativa, cujas águas são aconselhadas no tratamento de doenças do aparelho digestivo e cir-

culatório. Porém não ficam nisso suas virtudes, vão mais além, fazendo mesmo "milagre" (que não pudemos comprovar) registrado na própria fonte, onde se vê a inscrição:

"Eh! água fina

Faz velha virá menina."

Um serviço de kombis (se não tiver ido de carro), ou mesmo passeios a pé, lhe darão a oportunidade de conhecer outros locais da ilha. Ali mesmo no centro está o Forte de São Lourenço, que os portugueses construíram no século XVIII. Com ele completavam a defesa da Baía de Todos os Santos, que se achava protegida pelas fortalezas, de Santo Antônio da Barra até Mont Serrat, mas que estava sem defesa nenhuma naquela região. Além do forte, erigido na Ponta das Baleias, há ainda as igrejas de S. Lourenço e a Igreja Matriz de Itaparica.

UMA LENDA

No dia 8 de setembro é comemorada a festa da padroeira de Itaparica - Nossa Senhora da Piedade, embora já não haja mais a grandiosidade de antigamente. A lenda que envolve a santa ainda é contada pelos moradores do local nos dias de hoje.

Em 7 de janeiro de 1823, era grande o combate entre portugueses e brasileiros na ilha de Itaparica. Diz a lenda que uma mulher lutava ao lado dos praieiros desviando todas as balas, fazendo verdadeiros prodígios, lutando sem descanso até o último disparo das barcas inimigas. Enquanto isso sucedia, um negro escravo ia ao zelador da Piedade pedir a chave para fechar o nicho da padroeira que se achava escancarado. O zelador não acreditou, pois ele mesmo havia experimentado a porta para ver se estava realmente fechada. Indo à esplanada, o zelador e o escravo encontraram os soldados, que relataram as últimas batalhas e a ajuda recebida daquela mulher desco-

nhecida. O zelador disse que outra não poderia ser, senão Nossa Senhora da Piedade, indo todos até o local onde estava o nicho, encontrando-o aberto. Nos traços da imagem, os voluntários reconheceram a heroína da Ponta da Baleia.

Foi construída, então, uma capela, demolida em 1921, sendo erigida a que está até hoje na ilha, monumento que tiveram por ocasião do centenário, em 7 de janeiro de 1923.

A ILHA

Localizada no Recôncavo Baiano, Itaparica é a maior e a principal ilha das 25 existentes na Baía de Todos os Santos. Está dividida em dois municípios: o de Vera Cruz, cuja sede é Mar Grande, e o de Itaparica, com sede na cidade de mesmo nome. Foi uma das primeiras capitanias doadas pelo rei de Portugal, quando decidiu ocupar as terras do Brasil, em 1556, ao primeiro Conde de Castanheira. Mais tarde, por não conseguir importância econômica foi confiscada pela coroa portuguesa.

A ilha tem 32 km de extensão e 20 de largura e conta sua história que, em 1889, quando alguns operários faziam escavações em quintal de uma casa na rua da Fontinha, encontraram um líquido oleoso e com cheiro de gás (denominação, na época, do que-rozene). Embeberam uma estopa naquele líquido, acenderam um fósforo e ele produziu chama. Embora tivessem extraído um pouco, que foi remetido ao Rio, nada resultou disso. Hoje, a Petrobrás possui duas áreas de produção na ilha: Jiribatuba e Itaparica.

Ali, em 1624, começou a ser feita, em grande escala, a pesca da baleia, para obtenção de azeite. Outra pesca de grande rendimento foi a do xaréu. Mas Itaparica, que foi elevada à categoria de cidade em 1890, teve papel de destaque nas lutas da independência na Bahia. De importância estraté-

gica, por se constituir numa espécie de porta para as cidades do Recôncavo Baiano, dominando a barra do rio Paraguaçu, que levava à Cachoeira, a ilha era fundamental para a decisão da guerra.

HISTÓRIA E FOLCLORE

Madeira de Mello, quando se viu cercado pelas tropas do general Labatut, pretendeu atingir as cidades do Recôncavo, efetuando a passagem do Funil. Mas seus esforços foram baldados, graças aos combates na ilha. Nessas lutas, entre outros, destacaram-se: Antônio Souza Lima, Barros Galvão, João das Botas e Maria Felipa, mulher do povo, que comandava grupos de mulheres, que impediam o desembarque das tropas portuguesas, cortando as mãos dos soldados com facões.

Os invasores sentiram-se aniquilados diante da resistência heróica dos itaparicanos, que valeu o título de "Intrépida" à ilha de Itaparica. E a vitória de 7 de janeiro ficou na história, embora hoje já não se comemore o feito, cantando-se:

"Quem não bebe neste dia,
Quem não toma bebedeira,
Não é parente do Lima,
É parente do Madeira."

No dia 16, a bandeira do Brasil foi hasteada pela primeira vez em Itaparica. Mas antes que os brasileiros controlassem definitivamente a ilha, outra batalha seria travada em fevereiro.

Entretanto, a data magna da ilha é 7 de janeiro e, nas comemorações, a cada ano saem os "Caboclos". São moradores da localidade que, vestidos como nossos índios, desfilam pela cidade em carro alegórico.

Após o desfile, recolhem o carro ao Campo Formoso, em frente à Prefeitura, armam o Arco do Triunfo, feito com folhas de dendê e coqueiro e ali ficam por 3 dias, naquela espécie de aldeia, onde fazem representação sobre a vida e costumes dos índios, apresentando, inclusive, músicas indígenas.

Assim é Itaparica. Simples e grandiosa. Passado e presente passando em suas ruas tranqüilas, outrora palco de feitos memoráveis.

Seja por um dia apenas ou por uma temporada, não deixe de ir lá. De "ferry-boat", pela estrada - via Nazaré, de navio, e, se houver tempo e muita coragem, de saveiro, vá a essa ilha repleta de lugares bucólicos, de povo de alma aberta, alegre e simples, como todo o baiano sabe ser.

REV. PETROBRÁS Nº 272

Importadora Marybeth

Presentes · Novidades · Brinquedos

BREVEMENTE ARTIGOS DE CAMPING

RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 38-E — TEL.: 285-0598 - FLAMENGO

*Querido diário: tive uma surpresa, hoje.
Tem telefone no camping. É só uma cabine da companhia
telefônica, mas é possível que em seguida se instale
uma central.*

CAMPING

FRAGA

José Guaraci FRAGA tem 30 anos. Começou fazendo a seção Picles no Pasquim. Foi colunista de dois diários de Porto Alegre. Editou, com Edgar Vasques, o suplemento de humor Quadrão no matutino Folha da Manhã. Organizou e coordenou duas

antologias de humor gaúcho: QI 14 e 14 Bis e uma antologia nacional: a Antologia Brasileira de Humor, em 2 volumes e com 82 autores. Atualmente é editor de arte do Coojornal e editor de Quadrão.

4 de Janeiro. Querido diário: amanhã vamos procurar um lugar para acampar. Não aguentamos mais essa cidade.

7 de Janeiro. Querido diário: achamos um lugar maravilhoso para camping. É tão bonito que papai combinou com uns amigos para voltarmos.

11 de Janeiro. Querido diário: foi fantástico. Havia mais de dez casais com crianças, apaixonados pela natureza. Limpamos um pouco o local, derrubamos algumas árvores e agora há mais espaço para todos.

22 de Janeiro. Querido diário: o camping está cada vez melhor. Os vendedores ambulantes descobri-

ram nosso acampamento e agora se pode comprar de tudo lá. O número de famílias aumentou muito e já tem gente que nunca vi mais gorda. Já tem churrasqueiras e sanitários.

3 de Fevereiro. Querido diário: conheci um amigo, Paulo. O pai dele é dono de uma farmácia e isso foi sorte porque sempre se precisa de quem entenda de saúde no mato. Ah, fizeram umas ruas pelo meio da floresta. Falam em instalar água e luz no camping. É mais conforto.

27 de Fevereiro. Querido diário: instalaram água e luz. Em boa hora, porque o camping está tão grande que precisava mesmo. Os ambulantes decidiram que é me-

lhor ficar fixo lá e montaram umas tendas que não fecham a semana inteira, de tanta gente que vai lá. Paulo disse que o pai dele vai botar um ambulatório lá.

8 de Março. Querido diário: hoje eu resolvi conhecer o camping todo. Sabe, eu e o Paulo levamos mais de hora para percorrer o lugar. Acho que vem gente de toda parte para aproveitar o clima e a paisagem. Assistimos uma discussão por causa do espaço que virou briga. Felizmente o camping tem polícia permanente e tudo se acalmou logo. Parece que vai haver um posto policial na área. Na zona nova do camping já tem um pessoal que em vez de barracas fez cabanas lá e estão passando temporadas inteiras sem sair da região.

2 de Abril. Querido diário: tive uma surpresa, hoje. Tem telefone no camping. É só uma cabine da companhia telefônica, mas é possível que em seguida se instale uma central. Outra novidade: o pai do Paulo levou a farmácia dele pra lá. Fica na avenida principal e como tem muitas lojinhas e casas comerciais eles se reuniram e estão pedindo calçamento no camping. Depois da janta fomos à primeira sessão do cineminha do camping.

11 de Julho. Querido diário: o banco do papai tomou uma decisão das boas: abriu uma filial lá e deu a gerência pro velho. Mudamos logo para uma casa alugada por uma grana sem fim (aqui tem especulação imobiliária também), meio longe mas confortável. O pessoal da associação de bairros elegeu papai como presidente. A reunião da posse não foi boa: todo

mundo se queixou que não deu pra ouvir o discurso de papai por causa do barulho da construção do edifício do centro comercial (nove andares) ao lado. Ontem vimos uma barraca de lona. Incrível.

29 de Julho. Querido diário: papai ficou irritado com o camping. Houve um engarrafamento na nossa quadra e ele não pode ir pescar. Talvez compre uma casa fora do centro. Fico longe do Paulo, mas há a linha de ônibus. Quem reclama são os caras dos arrabaldes, pra eles é difícil ter que vir até aqui onde tem padarias, lavanderias, oficina, hospital, etc. Começaram, aliás, a construção do aeroporto. E a central telefônica ficou uma beleza.

15 de Setembro. Querido diário: li no jornal do camping que em breve teremos uma estação de tevê. Chega de ouvir só aquelas rádios com comerciais. Iniciaram uma campanha de plantar árvores e cuidar mais da água. Isso é bom pro camping. Conscientizar o povo, né? A polícia tem muito trabalho é com os marginais. Fora isso, nós acreditamos no progresso do camping, como diz papai.

26 de Outubro. Querido diário: Paulo trabalha numa firma metalúrgica. É a maior chaminé do camping. O trânsito está maluco. A vida aqui está cara. Fiz 15 anos. A poluição das indústrias incomoda. Vêm aí as eleições para prefeito do camping. Estão removendo vilas pobres inteiras para longe. Aconteceu um suicídio. Falta luz. O time do camping não entrou no nacional. Assaltaram outra vez o supermercado.

6 de Dezembro. Querido diário: amanhã, vamos procurar um lugar para acampar. Não aguentamos mais essa cidade. ● REV. FICÇÃO

HISTÓRIA DO TELESCÓPIO

SURGE A LUNETTA

Existem dois tipos principais de telescópio: os refratores ou lunetas que utilizam lentes e os refletores que empregam espelhos. Na história do telescópio a luneta nasceu primeiro. Ela foi descoberta por um fabricante holandês de lentes chamado HANS LIPPERSHEY no ano de 1608. Conta a história que ao observar o campanário de uma igreja com duas lentes, uma próxima ao olho e outra sustentada a uma distância conveniente da primeira, surpreendeu-se com o aumento da imagem obtida. Surgia assim a luneta que iria, através dos anos, prestar inestimável colaboração ao desenvolvimento da Astronomia.

A luneta de Galileu

A notícia da descoberta do holandês espalhou-se rapidamente. GALILEU GALILEI (1564-1642), físico e astrônomo italiano, estando de visita a Veneza, teve conhecimento da descoberta de Lippershey. Resolveu então, ele mesmo, construir uma luneta e aplicá-la em observações astronômicas. Seu instrumento compunha-se de duas lentes fixadas nas extremidades de um fino tubo. A lente mais afastada do olho, denominada objetiva, possuía bordos delgados, convergindo os raios luminosos que a atravessavam. A lente da outra extremidade, bicôncava, de bordos espessos, denominada ocular, colocada junto ao olho, permitia observar a imagem aumentada "I" do objeto distante "O". O observa-

dor via, através da ocular, uma imagem erecta, isto é, de cabeça para cima, permitindo inclusive o uso do instrumento para objetos terrestres.

Na verdade, a luneta de Galileu funcionava exatamente nos mesmos princípios de formação de imagem do instrumento inventado por Lippershey. A luneta do grande astrô-nomo italiano, no entanto, pelas grandes descobertas que proporcionou, ofuscou inteiramente o crédito do fabricante holandês de lentes de ser o primeiro a construir esse tipo de instrumento.

As primeiras grandes descobertas

Galileu percebeu imediatamente o grande valor da invenção de Lippershey para a Astronomia. Construiu e aper-feçoou várias lunetas chegando a fabricar uma que, apesar da pequena abertura, aumentava trinta vezes aproximadamen-te. Sem perda de tempo apontou seu instrumento para o céu. Era uma nova ferramenta de trabalho que ele ansiava por usar, sondando as imensidões siderais. Com ela exami-nou a lua com detalhe nunca antes conseguido, conforme mostra o seu livro "Sidereus Nuncius" publicado em 1610. Ve-rificou que a lua não era perfeitamente redonda e lisa conforme se acreditava. Na sua superfície observou várias montanhas, medindo suas alturas com genial precisão. No-tou também que numerosas crateras de vários tamanhos e ou-tros acidentes compunham a solitária e desolada paisagem lunar.

O sol também foi examinado pelo cientista italiano. Constatou ele que a face solar não era pura imaculada como

se supunha. Em seu ofuscante disco luminoso encontrou várias manchas negras as quais foram retratadas em seus desenhos. Eram as famosas manchas solares. Com base no deslocamento dessas manchas determinou a duração da rotação do sol.

Vênus, a formosa "Estrela Vespertina" foi também alvo da luneta galileliana. Através de suas modestas lentes notou que o planeta apresentava fases semelhantes às da lua. "CINTHYAE FIGURAS AEMMULATUR MATER AMORUM", escreveu Galileu, em latim, sob a forma de engenhoso anagrama de letras transpostas. Com isso ele queria dizer que as fases da lua (Cíntia) imitavam a mãe dos amores (Vênus), comunicando dessa forma sua grande descoberta.

As lentes de Galileu "varreram" a Via Láctea. Percebeu então que essa faixa leitosa de pálido brilho, que atravessa o firmamento, era formada por miríades de estrelas débeis. Observou igualmente o conhecido aglomerado estelar das "Plêiades" e a magnífica nebulosa do Orion, fazendo seus desenhos.

VIVENDO E APRENDENDO

❁ O Brasil tem uma cobra que até que não é tão má assim. A murama é muito útil porque ela mata e devora as serpentes venenosas.

❁ Se vocês resolverem cortar o rabo da lagartixa, fiquem sabendo de uma vez que ela não vai ficar cotó. O rabo cresce de novo.

❁ Se você se machucar do lado esquerdo do corpo, vai sentir mais dor do que se tivesse se machucado do lado direito. Isso acontece porque normalmente o lado esquerdo é mais sensível que o direito.

❁ Os bichos morrem mais depressa por falta de sono do que por falta de comida.

TEM GENTE TRABALHANDO, ALÉM DE NÓS !

Durante o domingo, dia 31 de outubro, fomos a Floresta da Tijuca com a animada rapaziada do Curso de Adestramento '77, e qual não foi nossa surpresa ao constatar a limpeza dos caminhos dos picos; é de notar que o cume do Pico da Tijuca e do Bico do Papagaio, bem como - pasmem ! - a água do caminho do Papagaio estavam IMACULADAMENTE LIMPOS, lamentando-se apenas a desolação deixada pelas recentes queimadas; no que se refere a lixo, porém, nem sombra.

E TEM MAIS ! vários trechos que se encontravam obstruídos, ensejando atalhos e contornos, foram limpos e desimpedidos.

É ISSO AÍ NEGADA ! TEM GENTE TRABALHANDO, ALÉM DE NÓS !

A eles, nossa gratidão e nosso apoio.

UM DIA A GENTE CHEGA LÁ !!!

J.A.Prata

Foto Color Salomyth

REPRODUÇÃO • MACROFOTO • TELEFOTO

REPORTAGENS • POSTERS

(A DOMICÍLIO)

SALOMYTH FERNANDES

DESCONTO PARA EXCURSIONISTAS

AV. ERASMO BRAGA, 118 - 6º ANDAR - TEL. 231-0177 - R. 156/7
DE 9 AS 12 horas